



## **Educação e juventudes rurais: desafios para a formação técnica em agroecologia na Bacia do Goitá/PE**

*Youth and education: school dropout as a challenge for technical training in agroecology in the Bacia do Goitá/PE*

BEZERRA, Juliano César Petrovich<sup>1</sup>; ALVES, Ângelo Giuseppe Chaves<sup>2</sup>; ANDRADE, Horasa Maria Lima da Silva<sup>3</sup>

<sup>1</sup> UFRPE, juliano.petrovich@ufrpe.br; <sup>2</sup> UFRPE, angelo.alves@ufrpe.br; <sup>3</sup> UFRPE, horasa.silva@ufrpe.br

### **RESUMO EXPANDIDO**

#### **Eixo Temático: Educação em Agroecologia**

**Resumo:** Os/as jovens rurais, apesar de centrais à sucessão no campo, tendem a ser invisibilizados/as e alvos de políticas públicas insuficientes. Isso contribui para que busquem as cidades, o que é comumente incentivado pelas escolas locais, como uma forma de ascensão social. Contrários a isso, movimentos sociais luta(ra)m por uma Educação do Campo, baseada na Agroecologia, na vida e no trabalho no meio rural. Assim, pretendemos compreender o perfil e projetos de vida dos/as jovens que buscaram a formação técnica em Agroecologia, pelo Projeto Semear - SERTA, e as razões que levaram a altos níveis de evasão por parte deles/as. Para tanto, além de pesquisas teóricas, acessamos dados fornecidos pela instituição e trabalhamos como professor-pesquisador no curso. Por fim, tendo em vista que a Educação em Agroecologia está em processo de construção e consolidação, estudar potencialidades e desafios de experiências é de grande relevância social e acadêmica.

**Palavras-chave:** educação do campo; jovens rurais; evasão escolar.

#### **Introdução**

Desde poucos anos, tem-se intensificado as discussões sobre a Educação do Campo, e, mais especificamente, a Educação em Agroecologia. Nesse sentido, reconhecendo a educação como lugar de construção de um projeto político alternativo, alguns movimentos têm assumido a responsabilidade/necessidade de repensá-la. Para Moura (2015), é necessária uma superação de paradigmas transmitidos pela cultura dominante, os quais fazem com que crianças e jovens, elementos centrais para a sucessão geracional no campo, não vejam futuro na agricultura e queiram viver na cidade, pois entendem isso como ascensão social. Esse comportamento, segundo ele, tem relação com o que aprendem na escola, com conteúdos muito distantes da realidade do território e que não contribuem para sua identidade camponesa.

Para Ferrari (2021), a Educação em Agroecologia é uma temática ainda incipiente, a ser trabalhada na Educação do Campo. Sousa (2017) defende a construção do enfoque agroecológico para a formação de camponeses/as, com os princípios da Educação Popular, a incorporação da realidade socioecológica e os conhecimentos tradicionais/populares no ensino. Faria (2017) reforça esse vínculo de natureza político-pedagógica existente entre Agroecologia e Educação Popular; enquanto



Sorrentino et al (2017) destacam a importância de uma transição educadora agroecológica ambientalista. Nessa linha, segundo Caldart (2021), a relação entre Educação do Campo e Agroecologia tem sido construída pela intencionalidade política e formativa dos seus sujeitos coletivos, o que fortalece princípios comuns. Vemos, ademais, a necessidade de democratizar o conhecimento, e de trabalhar uma Educação Popular Contextualizada, problematizadora e conscientizadora (FREIRE, 2001), aberta a um diálogo intercultural, que valorize a vida e o meio rural. Concernente a uma Educação Formal, o MST (1992) estabelece algumas diretrizes para que uma instituição escolar tenha um real significado para a comunidade rural.

Um grupo social central quando tratamos de educação no meio rural são os/as jovens, pessoas entre 15 e 29 anos, segundo o Estatuto da Juventude. No tocante à juventude rural, Martins (2019) considera que se trata de uma categoria genérica utilizada para se referir a um conjunto heterogêneo de jovens não-urbanos, que se manifesta de forma diferenciada no território nacional. Muitas vezes, contudo, os/as jovens rurais são invisibilizados/as, como categoria, o que repercute na formação de sua identidade social e reverbera negativamente no âmbito das políticas públicas (LOPES E CARVALHO, 2017).

Desse modo, a partir das temáticas abordadas (Educação em Agroecologia e juventudes rurais), temos como cenário para esta pesquisa o Curso Técnico em Agroecologia, pelo Projeto Semear, executado pelo SERTA - Serviço de Tecnologias Alternativas, em Pernambuco. Acerca do Projeto Semear, onde buscamos o público-alvo deste estudo, tinha como objetivo a formação técnica de 100 jovens dos municípios de Glória do Goitá, Vitória de Santo Antão, Chã de Alegria, Lagoa de Itaenga e Feira Nova. É uma região que possui uma demanda reprimida de qualificação de jovens para permanecerem e atuarem no rural, tendo em vista que, historicamente, tem seu campo marcado pelo monocultivo da cana de açúcar e agricultura convencional. O curso técnico ofertado pelo SERTA é baseado na Pedagogia da Alternância e dividido em 4 módulos, com duração de 18 meses.

Assim, pretendemos responder à seguinte pergunta: Quem são os/as jovens que buscaram a formação técnica em Agroecologia (Projeto Semear/SERTA), bem como quais os principais desafios enfrentados por eles/as, que acabaram provocando um abandono/desistência do curso? Nesse sentido, procuramos traçar o perfil e os projetos de vida de jovens que se matricularam no referido Curso Técnico em Agroecologia; bem como levantar os principais motivos e necessidades dos/as jovens, que resultaram em uma alta taxa de evasão escolar. Por fim, consideramos que uma pesquisa que parte das perguntas mostradas, especialmente por se tratar de Educação em Agroecologia, um campo ainda pouco estudado, é de grande relevância social e acadêmica no/ao debate da Agroecologia.

## **Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa com uma abordagem inter/transdisciplinar (NICOLESCU, 1999), através de um diálogo complementar e transversal entre diferentes áreas do conhecimento. Ademais, para desenvolver o estudo, foi traçado um caminho



metodológico dividido em quatro etapas diferentes, mas não necessariamente separadas e delimitadas entre si. Na primeira, ocorreram pesquisas teóricas, para traçar um diagnóstico e um estado da arte dos pontos abordados. A segunda etapa da pesquisa foi a sua fase prática, com o acesso a documentos e dados coletados pelo SERTA na execução do Projeto Semear e, posteriormente, fornecidos para este estudo. Além disso, iniciou-se aqui, o desempenho de uma dupla função, tendo em vista que, ao mesmo tempo em que o estudo foi desenvolvido, também se executava a atividade de Coordenador Pedagógico e Educador do Projeto Semear, num contato direto e contínuo com os/as estudantes, tanto no Tempo-escola quanto nos mutirões e demais atividades de Tempo-comunidade, participando, refletindo, interagindo e observando. Com a terceira etapa, tivemos o momento de refletir sobre as informações, vivências e dados levantados, para a escrita do trabalho; e, enfim, a partilha dos resultados dos estudos com os/as próprios/as jovens.

## **Resultados e Discussão**

No tocante aos resultados obtidos com a pesquisa, podemos dividi-los em três pontos: o perfil dos/as jovens, seus projetos de vida e as razões apresentadas por aqueles/as que desistiram do curso técnico. Primeiramente, a partir do acesso a um questionário aplicado pelo SERTA, para verificar o panorama social e econômico da turma ingressante no Projeto Semear, pudemos conhecer o perfil dos/as jovens que se interessaram e buscaram o curso inicialmente. Das pessoas que responderam as perguntas, 88 no total, 69% residiam e trabalhavam na área rural; 94% eram solteiros/as; 59%, mulheres; 52% tinham entre 19 e 22 anos; e 73% tinham como nível de escolaridade o Ensino Médio completo. No tocante à posse de terra, 79% tinham terra para trabalhar e produzir, sendo que 59% tinham autonomia sobre ela; 21% dos/as não faziam uso de agrotóxico em seus espaços; e 36% (o maior percentual nesse quesito) possuíam entre 1 e 3 hectares. A renda familiar era de até um salário mínimo para 79,5%, e 67% se identificaram como agricultor/a familiar.

Em relação aos projetos de vida, vimos uma diversidade de sonhos, desde criação de animais, construção de cisternas para captação e armazenamento de água, implantação de Sistemas Agroflorestais, até a construção de barbearias, salão de beleza, ateliês de arte, boutiques, fotografia e equipamentos para montagem de uma gráfica. Vale destacar, ainda, que muitos desses projetos foram executados a partir de mutirões realizados com os/as jovens estudantes, a equipe técnica do projeto, bem como familiares e vizinhos/as das comunidades.

No que diz respeito à evasão por parte de jovens já matriculados/as, vale salientar que, após os módulos 1 e 2 do curso, das 121 pessoas que iniciaram, 67 haviam desistido. Em seguida, foi feita uma nova seleção para preenchimento dessas vagas ociosas, e ingressaram mais 61 pessoas. Diversas foram as razões apresentadas pelos/as estudantes no momento da desistência, sendo as que mais se repetiram: 1) necessidade de um emprego e renda (ter conseguido um trabalho e precisar do dinheiro para ajudar em casa, sendo impossível conciliar com os dias de tempo-escola); 2) aprovação ao Ensino Superior (conseguiram ter acesso a um curso superior, que, na maioria das vezes, é em uma cidade diferente da que se



mora); e 3) dificuldade de ficar uma semana fora de seu espaço de vida, pela própria dinâmica familiar. Além dessas, também foram ditas uma não-identificação com o curso e a proposta pedagógica do SERTA como causas para a desistência.

A permanência das juventudes no campo é um desafio (CASTRO, 2005). As causas para esse fenômeno são as mais diversas, principalmente relacionadas à vontade de estudar e concluir um curso superior, e busca por autonomia e independência financeira, para si e para a família. Como dito, tais fatores também contribuíram significativamente para a elevada taxa de evasão no Projeto Semear.

Como vimos, ademais, 59% dos/as estudantes eram mulheres e 69% residiam ou trabalhavam na zona rural. Essas foram prioridades para a seleção dos/as jovens, tendo em vista que dialogam com alguns pontos levantados por Castro et al (2013), que consideram que há menos mulheres que homens no campo, ou seja, elas vão viver nas cidades mais cedo, bem como os/as jovens rurais vão à escola por menos tempo, havendo mais pessoas (semi)analfabetas na área rural do que na urbana.

Por outro lado, com críticas aos estudos que trazem como foco a saída do/a jovem do campo, Valadares et al (2016) demonstram que, nas últimas duas décadas, houve um aumento das taxas de permanência no campo em quase todas as regiões do país. Vimos esta questão pelo alto percentual de jovens rurais participando do curso, com intenção de desenvolverem seus projetos de vida no campo. Nem sempre, o projeto estava ligado à agricultura ou criação animal, mas para a maioria, o intuito era continuar no meio rural, mesmo trabalhando com atividades diversas.

Vimos que algumas pessoas, no decorrer do curso, quando iam conhecendo as diferentes tecnologias sociais alternativas para o campo, percebiam boas soluções para as famílias. Nascimento et al (2016) apontam que a Agroecologia tem se destacado e é entendida como uma alternativa concreta para a melhoria da qualidade de vida das famílias agricultoras, contribuindo para a conquista de soberania alimentar e de uma vida digna no campo. Além disso, as experiências baseadas nos princípios e perspectiva da agroecologia têm permitido às juventudes envolvidas novas possibilidades, especialmente em relação à geração de renda a partir de uma produção sustentável, e proporcionado uma maior intervenção e autonomia do/a jovem dentro da unidade familiar. Desse modo, vê-se fortalecido e valorizado o trabalho no meio rural e a identidade (da juventude) camponesa.

## **Conclusões**

“Vá estudar para não acabar no cabo da enxada, como seu pai!” Esta frase, segundo os/as jovens, era dita repetidas vezes nas escolas rurais onde estudaram. Temos que a maioria dos/as que ingressaram no Projeto Semear eram rurais e tinham projetos de vida relacionados a continuarem no campo. Tal fato mostra como é necessário termos espaços escolares que realmente valorizem a vida e o trabalho no campo, reconhecendo e buscando soluções para as dificuldades enfrentadas por eles/as, a fim de minimizar a problemática da evasão. Isso deve ser reforçado por políticas públicas que mostrem oportunidades para que possam viver dignamente e



desenvolver as atividades/sonhos que queiram/tenham para si. Pela falta de apoio do Poder Público, muitos/as deixam de aprenderem e aprimorarem conhecimentos, pois abandonam os estudos em busca de uma renda para ajudarem em casa.

Acerca da Educação em Agroecologia, vemos ainda poucos trabalhos que tratam do assunto. Ainda se refere a um tema relativamente novo, sendo assim, faz-se necessário o desenvolvimento de pesquisas que possam tratar dos princípios, construção e aplicação dessa linha educacional. Dessa forma, é imprescindível refletir sobre os conteúdos abordados nos cursos técnicos em Agroecologia e o contexto em que os/as jovens rurais estão inseridos/as.

Vê-se, portanto, que se deve trabalhar uma Educação política que busca pôr a família camponesa como sujeito ativo e central na transformação de sua realidade, de seu território e de seu próprio destino, baseada na capacidade de ação coletiva e de mobilização, ou seja, na Cooperação. Uma escola aberta, plural e dinâmica, alicerçada na Ecologia de Saberes, complementares, válidos e portadores de identidades culturais próprias de um território, de um povo.

### Referências bibliográficas

CALDART, R. S. Educação do Campo e Agroecologia . In: DIAS, Alexandre Pessoa et al (orgs.). **Dicionário de Agroecologia e Educação**. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

CASTRO, A. M. G. de; SARMENTO, E. P. de M.; VIEIRA, L. F.; LIMA, S. M. V. **Juventude rural, agricultura familiar e políticas de acesso à terra no Brasil**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2013. Disponível em: <http://repiica.iica.int/docs/B3898p/B3898p.pdf>. Acesso em: 18/06/2021.

CASTRO, E. G. **Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. 2005. Disponível em: [http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/Tese\\_Elisa\\_pdf.pdf](http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/Tese_Elisa_pdf.pdf). Acesso em: 25/06/2021.

FARIA, A. A. da C. **A Educação que constrói a Agroecologia no Brasil: trajetórias de um vínculo histórico**. 2017. 219p. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB.

FERRARI, E. A. **Juventudes do Campo e Agroecologia: a condição juvenil camponesa na Zona da Mata de Minas Gerais**". 2021. 298 p. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/24152/Tese%20Juventude%20do%20Camp%20e%20Agroecologia%20%20vers%c3%a3o%20final.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.



FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação. São Paulo: Centauro, 2001.

LOPES, L. G. R.; CARVALHO, D. B. **Juventude Assentada e a Identidade Vinculada com a Terra**. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 29, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3ePB8t5>. Acesso em: 30/03/2021.

MARTINS, L. R. **Permanecer no Campo como Projeto de Vida de Jovens Rurais**: experiências de formandos e egressos de Escolas Família Agrícola no Estado do Espírito Santo. 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/37242>. Acesso em: 16/06/2021.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA - MST. **Como deve ser a escola de um assentamento** - Boletim da Educação n. 1. 1992. Disponível em: <https://mst.org.br/download/mst-boletim-da-educacao-no-01-ocupar-resistir-e-produzir-tambem-na-educacao/>. Acesso em: 16/06/2023.

MOURA, A. **Uma filosofia de educação do campo que faz a diferença para o campo**. Recife: Via Design Publicações, 2015.

NASCIMENTO, E.; FERRAZ, J. M. de P.; MELO, M. C. A. de; DANTAS, S.; BONFIM, W. **Juventude e permanência no campo**: reflexões das juventudes rurais sobre possibilidades, limites e desafios. Recife : Centro Sabiá, 2016.

NICOLESCU, B. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4147299/mod\\_resource/content/1/O%20Manifesto%20da%20Transdisciplinaridade.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4147299/mod_resource/content/1/O%20Manifesto%20da%20Transdisciplinaridade.pdf) . Acesso em: 03/06/2021.

SORRENTINO, M. et al. **Educação, agroecologia e bem viver: transição ambientalista para sociedades sustentáveis**. 2017. Disponível em <http://oca.esalq.usp.br/wp-content/uploads/sites/430/2020/01/Educacao-agroecologia-e-bem-viver-final.pdf>. Acesso em: 02/07/23.

SOUSA, R. da P. **Educação em Agroecologia**: reflexões sobre a formação contra-hegemônica de camponeses no Brasil. 2017. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252017000200011](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252017000200011). Acesso em: 02/07/23.